



Site do autor: livrosqueardem.com

Prólogo

Em que o autor confessa não conhecer o herói — e talvez nem o leitor

Não sei ao certo quem foi Antoninho Bonifácio. Conheci-lhe os passos antes de lhe conhecer a alma, e ainda hoje suspeito que os passos eram mais sinceros.

Há homens que deixam monumentos; outros deixam filhos, dívidas ou fotografias amareladas. Antoninho deixou pegadas. Nem sequer pegadas memoráveis, dessas que a História conserva em bronze ou em mármore. Eram marcas humildes, rapidamente apagadas pela poeira da Zambézia, pelas chuvas de Quelimane ou pela pressa dos que vinham atrás.

Talvez seja por isso que decidi escrever sobre ele.

Os grandes homens já possuem biógrafos, estátuas e discursos oficiais; os pequenos dependem da teimosia de um narrador. E, entre nós, sempre desconfiei dos grandes homens. Envelhecem mal nas páginas dos livros. Os pequenos, pelo contrário, têm o estranho talento de permanecer humanos.

Não espere o leitor aventuras extraordinárias. Antoninho nunca venceu uma guerra, nunca governou uma cidade, nunca fundou uma religião e, tanto quanto pude averiguar, jamais pronunciou uma frase destinada à posteridade. Fez coisa mais difícil: viveu todos os dias.

Ora, viver diariamente é uma arte pouco celebrada. Exige levantar-se quando o corpo prefere desistir, sorrir quando o bolso protesta, acreditar quando a política desmente e continuar quando a esperança decide tirar férias.

Se esta narrativa se parece, por vezes, com uma Via-Sacra, não é por excesso de devoção, mas por excesso de realidade. Cada homem carrega uma cruz; a diferença está apenas no peso e na elegância com que aprende a transportá-la. Antoninho nunca pediu para ser mártir. Contentou-se em ser caminhante.

E caminhou.

Caminhou entre bairros inundados e ruas poeirentas; entre promessas eleitorais e silêncios familiares; entre o amor que chegou tarde e a pobreza que nunca perdeu o endereço. Caminhou sem saber que cada passo escrevia uma biografia invisível.

Confesso ainda outra coisa: talvez este livro não seja sobre Antoninho. Talvez seja sobre todos aqueles que acordam cedo, trabalham muito, reclamam pouco e desaparecem quase sem deixar vestígios. Homens e mulheres que sustentam o mundo enquanto outros aparecem nas fotografias.

Se o leitor encontrar nestas páginas um pouco de si, não me responsabilizo. A literatura possui este hábito inconveniente de colocar espelhos onde esperávamos encontrar janelas.

Quanto a mim, limito-me a seguir Antoninho à distância, como quem acompanha um velho peregrino sem ousar interromper-lhe o passo. Se ele chegar ao fim da caminhada, chegaremos juntos. Se tropeçar, tropeçamos com alguma dignidade.

Agora que as apresentações estão feitas — ou suficientemente desfeitas —, deixemos o homem caminhar.

Porque certas vidas começam antes do nascimento.

Começam no primeiro passo.

A ALVORADA NO TORRONE

Estação I

Em que Antoninho é condenado à vida sem direito a recurso

Antoninho nasceu no Torrone numa manhã quente, dessas em que o sol já nasce cansado de brilhar. Não chorou muito; chorou o suficiente para anunciar que estava vivo, mas não a ponto de incomodar o mundo. Desde cedo demonstrou prudência —

defeito raro em recém-nascidos.

A infância passou entre o cheiro do peixe seco e o barulho do rio. O Rio dos Bons Sinais era irônico já no nome: dava sinais, sim, mas raramente bons. Ali Antoninho aprendeu que a correnteza não discute com quem quer atravessar; vence.

Foi também ali que ouviu, pela primeira vez, que “uns nasceram para mandar e outros para obedecer”. Não acreditou. Mais tarde, acreditaria — por cansaço.

Estação II

Da cruz leve que pesa mais quando se cresce

A juventude chegou sem cerimônia. Antoninho não teve adolescência; teve tarefas. O pai envelheceu cedo, a mãe cansou antes do tempo, e o rapaz foi promovido a adulto por falta de concorrência.

O primeiro emprego foi duro, mal pago e muito elogiado — combinação que costuma esconder exploração. Antoninho aceitou tudo com a dignidade dos que não sabem que podem recusar. Cuidava dos velhos Bonifácios como quem paga uma dívida que nunca contraiu, mas herdou.

Foi quando comprou o terço de sândalo. Não por fé profunda, mas porque o cheiro o distraía da realidade.

A TRAVESSIA PELO BAIRRO JANEIRO

Estação III

Primeira queda: em que Quelimane decide virar lago

As chuvas chegaram como chegam as desgraças coletivas: democráticas e sem aviso. O Bairro Janeiro desapareceu sob a água, e Antoninho descobriu que a lama tem memória — lembra cada passo mal dado.

Perdeu móveis, documentos e uma ilusão antiga: a de que esforço garante estabilidade. Não garante; no máximo, cansa.

Estação IV

Em que a Mãe fala pouco e acerta muito

Sentados numa varanda antiga, a mãe observava a rua como quem lê um livro já conhecido. Disse apenas:

— Meu filho, não espere justiça. Espere resistência.

Antoninho não respondeu. Aprendeu ali que a sabedoria verdadeira não pede aplausos.

Estação V

Da mãe enferma e de Irineu que surge sem nome e sem recibo

O vizinho enfermeiro ,apareceu com remédios, sopa e silêncio. Não perguntou nada — o que, para Antoninho, foi a maior caridade.

Descobriu que a solidariedade nasce nos becos onde o Estado não entra por medo de sujar os sapatos.

Estação VI

Em que Verônica limpa o rosto e não leva o mérito

Uma mulher desconhecida, num dia de calor indecente, ofereceu água e um pano. Limpou-lhe o rosto sem saber quem ele era — gesto raríssimo num mundo que exige currículo até para a compaixão.

Antoninho sentiu vergonha. E gratidão. E medo de esquecer.

Estação VII

Segunda queda: o amor como contrato verbal

Amou uma mulher que prometeu ficar enquanto fosse possível. Foi possível pouco. Quando partiu, levou consigo tudo o que não cabia numa mala: planos, certezas e uma parte da juventude.

Antoninho sofreu com elegância, virtude inútil, mas respeitável.

Estação VIII

Em que nada acontece, mas tudo se decide

Nada aconteceu durante meses. E foi ali que Antoninho mudou mais. Aprendeu que a vida se resolve no intervalo, não no evento.

Estação IX

Terceira queda: a política como religião sem milagres

Acreditou. Votou. Esperou. Aprendeu. A política passou, deixou cartazes e levou a esperança.

Antoninho guardou o silêncio — seu último partido.

A CHEGADA À SAGRADA FAMÍLIA

Estação X

Do envelhecer como quem aprende devagar

Os anos começaram a cobrar juros. O corpo doía, a memória falhava, mas a lucidez aumentava — castigo tardio.

Antoninho perdeu bens, ganhou clareza. Negócio justo.

Estação XI

Em que se descobre que possuir menos é tropeçar menos

Vendeu o que restava. Ficou leve. Caminhava devagar, mas firme.

Estação XII

A morte das ilusões, celebrada em silêncio

Na Igreja da Sagrada Família, Antoninho entendeu: nunca carregou uma cruz imposta. Carregou-se a si mesmo.

E isso bastava.

Estação XIII

Do retorno ao pó sem drama

A morte não foi trágica. Foi discreta, como ele. A terra da Zambézia recebeu-o sem discursos.

Estação XIV

EPÍLOGO

Em que se prolonga o fim porque certas vidas não sabem acabar depressa

Antoninho Bonifácio foi enterrado numa tarde sem solenidade. Não houve discursos — não por falta de palavras, mas por excesso de prudência. Os presentes eram poucos, e os ausentes muitos; estes últimos, por sinal, sempre foram maioria na vida de Antoninho.

Alguns dias depois, ninguém comentou sua morte com espanto. Comentou-se com aquela naturalidade cruel que reservamos aos acontecimentos coerentes. “Era esperado”, disseram. E não mentiam. Antoninho vivera de tal modo que até a morte lhe obedecera o estilo: discreta, pontual e sem reivindicações.

Com o tempo, sua ausência foi sendo ocupada por outras ausências. A casa onde morou passou a abrigar novos silêncios; o caminho que percorria foi pisado por outros pés igualmente apressados; o terço de sândalo, esquecido numa gaveta, perdeu o cheiro — e talvez a utilidade.

Não deixou ensinamentos claros, o que é mérito. Os que deixam lições costumam errar nos exemplos. Antoninho deixou apenas um modo de atravessar o mundo sem alarde, como quem sabe que a vida não exige explicações, apenas presença.

Se alguém perguntar o que foi Antoninho Bonifácio, a resposta mais honesta talvez seja esta: foi um homem possível. Não o melhor, nem o pior — apenas aquele que coube no tempo que lhe deram. E isso, convenhamos, já é tarefa difícil.

O narrador despede-se aqui, não por ter esgotado o assunto, mas por reconhecer que certas histórias se sustentam melhor quando não são excessivamente explicadas. Antoninho caminhou. O mundo continuou. O leitor fecha a crônica. Todos cumpriram o seu papel.

E se nada mudou depois disso, não se acuse a narrativa. Há vidas cuja maior revolução consiste em não explodir.

FIM